POLITECNICO DI TORINO
Repository ISTITUZIONALE

Disciplinar e Distinguir: Formas de Narrativa e Representações de Sujeitos da Arquitetura

Original
Disciplinar e Distinguir: Formas de Narrativa e Representações de Sujeitos da Arquitetura / de Lima Amaral, C.V.. - (2018). (Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo Salvador: FAUFBA, 2018 13 a 19 de outubro).

Availability:
This version is available at: 11583/2983500 since: 2023-10-31T19:39:22Z

Publisher:
FAUFBA

Published
DOI:

Terms of use:

This article is made available under terms and conditions as specified in the corresponding bibliographic description in the repository

Publisher copyright

(Article begins on next page)

26 November 2026



V enanparq

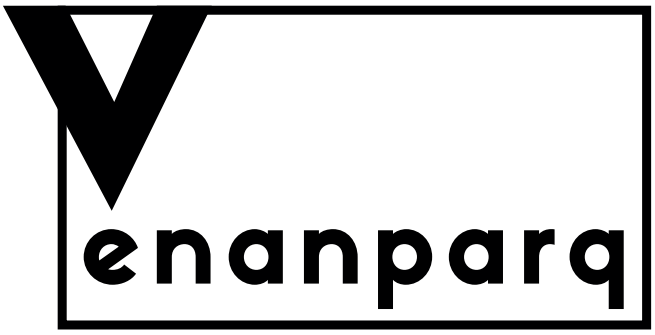
SALVADOR-BA

13 | 19 outubro 2018/FAUFBA

V Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Arquitetura e Urbanismo no Brasil atual: crises, impasses e desafios

ANAIS



SALVADOR-BA

COORDENAÇÃO
Angela Maria Gordilho Souza (UFBA) - Coordenação Geral
Nivaldo Vieira de Andrade Junior (UFBA) - Vice-Coordenação
Rodrigo Espinha Baeta (UFBA) - Vice-Coordenação

DIRETORIA ANPARQ
Carlos Eduardo Comas (UFRGS) - Presidente
Cláudia Piantá Costa Cabral (UFRGS) - Secretária Executiva
Marta Peixoto (UNIRITTER) - Tesoureira

DIRETORES
Rachel Coutinho Marques da Silva (UFRJ)
Angela Maria Gordilho Souza (UFBA)
Eduardo Pierrotti Rossetti (UNB)
Suplente: Maria Angela Dias (UFRJ)

CONSELHO FISCAL
Angélica T. Benatti Alvim (Mackenzie)
Maria de Lourdes Zuquim (USP)
Francisco Costa (UFPB)
Suplente: Renato Luiz Sobral Anelli (USP)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor
Prof. Dr. João Carlos Salles Pires da Silva

Vice-Reitor
Prof. Dr. Paulo César Miguez de Oliveira

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUFBA)
Profa. Dra. Naia Alban Suarez (Diretora)

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU)
Prof. Dr. Rodrigo Espinha Baeta (Coordenador)

Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP-CECRE)
Profa. Dra. Juliana Cardoso Nery (Coordenadora)

Especialização em Assistência Técnica, Habitação e Direito à Cidade (Residência AU+E/UFBA)
Profa. Dra. Angela Maria Gordilho Souza (Coordenadora)

PROGRAMAÇÃO VISUAL DO SITE E MARCAS

Organização do site
Angela Maria Gordilho Souza
Bianca Cristina Alves Albino
Débora Marques da Silva Araújo

Criação do site e identidade visual
Bianca Cristina Alves Albino

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
EDUFBA

V enanparq

SALVADOR-BA

13 a 19 de outubro, 2018/FAUFBA

V Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo

Arquitetura e Urbanismo no Brasil atual: crises, impasses e desafios

Angela Maria Gordilho Souza
Rodrigo Espinha Baeta
Nivaldo Vieira de Andrade Junior
Organizadores

APOIO NA SISTEMATIZAÇÃO DOS ANAIS

Carolina Correia Queiroz

Jadi Tosta Iglesias Ventin

Débora Marques da Silva Araújo

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (4. : 2018 : Salvador, Ba).

Programação do Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 13 a 19 de outubro. – Salvador: FAUFBA, 2018.

12203 p.

ISSN 2358-6214

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. 3. Arquitetura e Urbanismo – Congressos. I. Título. II. Faculdade de Arquitetura. III. Universidade Federal da Bahia.

CDD 720

V enanparq
Salvador - 2018

DISCIPLINAR E DISTINGUIR: FORMAS DE NARRATIVA E REPRESENTAÇÕES DE SUJEITOS DA ARQUITETURA

DISCIPLINE AND DISTINCTION: NARRATIVE FORMS AND SUBJECTS' REPRESENTATION IN ARCHITECTURE

DISCIPLINAR Y DISTINGUIR: FORMAS DE NARRATIVA Y REPRESENTACIONES DE SUJETOS DE LA ARQUITECTURA

EIXO TEMÁTICO: HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUITETURA, DA CIDADE E DO URBANISMO

DE LIMA AMARAL, Camilo Vladimir
Doutor em Arquitetura e Urbanismo; Professor da FAV UFG e do PPPC UFG

DISCIPLINAR E DISTINGUIR: FORMAS DE NARRATIVA E REPRESENTAÇÕES DE SUJEITOS DA ARQUITETURA

DISCIPLINE AND DISTINCTION: NARRATIVE FORMS AND SUBJECTS' REPRESENTATION IN ARCHITECTURE

DISCIPLINAR Y DISTINGUIR: FORMAS DE NARRATIVA Y REPRESENTACIONES DE SUJETOS DE LA ARQUITECTURA

EIXO TEMÁTICO: HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUITETURA, DA CIDADE E DO URBANISMO

RESUMO:
Este artigo visa investigar os aspectos disciplinares do campo da arquitetura, através de uma perspectiva crítica da produção do conhecimento e da sociologia da produção cultural. Para isto, é analisado como a representação dos sujeitos que produzem arquitetura (especificamente de arquitetos dentro do campo disciplinar da arquitetura) implica em um modo de narrativa histórica que coloca indivíduos no centro do desenvolvimento do campo. A análise crítica revela como esta representação silencia o "intelecto geral", ou seja, o caráter coletivo e social desta produção cultural. Esta reflexão lança luz sobre os erros da historiografia operativa e de muitos de seus críticos. Esta perspectiva também possibilita imaginar uma outra forma de compreender a arquitetura como um produto coletivo expropriado pela figura de "príncipes" da arquitetura (também conhecidos como arquitetos do "star system").
PALAVRAS-CHAVE: Disciplina; distinção; narrativas; sujeitos; arquitetura.

ABSTRACT:
This article aims to investigate the disciplinary aspects of the field of architecture, through a critical perspective of the production of knowledge and the sociology of cultural production. For this, the representation of the subjects that produce architecture (specifically architects within the disciplinary field of architecture) is analysed. This reveals the way historical narratives places individuals in the centre of the field development. This critical analysis reveals how this representation silences the "general intellect," that is, the collective and social character of this cultural production. This reflection sheds light on the errors of operative historiography and many of its critics. This perspective also makes it possible to imagine another way of understanding architecture as a collective product expropriated by the figure of "princes" of architecture (also known as architects of the "star system").
KEYWORDS: *Discipline; distinction; narratives; subjects; architecture.*

RESUMEN:
Esta ponencia busca investigar los aspectos disciplinares del campo de la arquitectura, a través de una perspectiva crítica de la producción del conocimiento y de la sociología de la producción cultural. Para ello, se analiza cómo la representación de los sujetos que producen arquitectura (específicamente de arquitectos dentro del campo disciplinario de la arquitectura) implica en un modo de narrativa histórica que coloca a los individuos en el centro del desarrollo del campo. El análisis crítico revela cómo esta representación silencia el "intelecto general", o sea, el carácter colectivo y social de esta producción cultural. Esta reflexión arroja luz sobre los errores de la historiografía operativa y de muchos de sus críticos. Esta perspectiva también posibilita imaginar otra forma de comprender la arquitectura como un producto colectivo expropiado por la figura de "príncipes" de la arquitectura (también conocidos como arquitectos del "star system".
PALABRAS-CLAVE*: la disciplina; distinción; narrativas; sujeto; la arquitectura.*

INTRODUÇÃO

Partindo do senso comum, o cidadão comum consegue visualizar como a arquitetura ao longo dos anos sempre moldou a sociedade. As cidades, os castelos, as casas, as igrejas e o espaço urbano sempre configurou a vida cotidiana de diferentes períodos históricos. Porém, quando em 2014 Zaha Hadid ganhou um prêmio de design do ano por um museu construído para um ditador e se utilizando de trabalho escravo para sua construção, uma legião de críticos e colegas partiram em defesa da colega. Para o senso comum da disciplina, Zaha Hadid estava simplesmente "fazendo o desenho" do edifício, por isso ao fazer arquitetura ela não tinha nada a ver com as relações sociais sendo reproduzidas por seu projeto. Este conflito aponta para um paradoxo do modo generalizado de se entender a arquitetura: como pode a arquitetura moldar sociedades, e ao mesmo tempo a arquitetura não ser capaz de lidar com as relações sociais que reproduz?

Para enfrentar este paradoxo, deveremos investigar não a verdade absoluta da arquitetura, mas como a arquitetura reproduz verdades sociais. Para entender isso, imagine que Foucault mudasse suas investigações dos efeitos do panóptico na sociedade moderna, para uma investigação de como a subjetividade de Jeremy Bentham estava moldada a priori pela sociedade, ou seja, o panóptico é o produto e não o produtor. Assim, entendemos arquitetura não como uma ideia ou ideal, mas como a reprodução concreta de abstrações na realidade.

Para Michel Foucault (1988, p. 9-10), o papel do intelectual é mostrar para as pessoas que aquilo que elas acreditam como evidências de uma verdade, são temas construídos em algum ponto da história. Por isso, ao criticar e descontruir estas evidências, muda-se ao mesmo tempo algo na mente das pessoas e algo daquilo que se toma como verdade. Neste sentido, o que se compreende como arquitetura foi e é resultado em grande parte de um processo de disciplinamento da consciência, de formação do modo de operar e agir de arquitetos. Mas, esta disciplina não é um imposição, mas uma incorporação.

Para Foucault (1980) e Giles Deleuze (1990) o capitalismo estava mudando de uma forma centralizada e despótica de poder, com hierarquia e punição como meios de controle, para uma sociedade disciplinar onde a organização burocrática, a descentralização, a precarização, a cooptação do eu e dos desejos e as tecnologias da informação estariam criando uma forma de controle difusa e sutil. É famoso como Foucault explicou esta condição através de uma metáfora: é como se o professor que vigia os alunos, para não colar na prova, em vez de ficar no palco à frente da sala, movesse para o fundo e vigiasse os alunos por trás, assim, estes incorporam a sensação de vigília.

No caso do campo de produção cultural que é a arquitetura, esta incorporação disciplinar se dá especialmente através das narrativas que explicam como a arquitetura é produzida. Ao se contar a história da arquitetura, se cria justificativas para como ela foi produzida, relações causais entre "fatos" e resultados. Além disso, se cria diversos critérios para valorizar e desvalorizar certas práticas. A história da arquitetura se torna um mecanismo de poder e distinção.

Por um lado, Manfredo Tafuri (1987) chamou de "história operativa" a tradicional historiografia do movimento moderno. Isto porque esta historiografia estava preocupada em reforçar os discursos dos arquitetos envolvidos. Assim, as ideias, as concepções, as justificativas e as críticas dos arquitetos modernos se tornaram o objeto central das narrativas. Esta compilação de manifestos e obras, normalmente organizadas em ordem cronológica, explicariam a evolução dos ideais da arquitetura e como ela era produzida. Esta linha do tempo também seria capaz de estabelecer uma hierarquia entre os grandes nomes

e os pequenos imitadores. Porém, a história produzida por Tafuri foi uma crítica implacável desses discursos, revelando como eles não passavam de uma mímica da ideologia da época. Para Tafuri, o verdadeiro motor da transformação da arquitetura era o modo de produção da sociedade em um determinado momento.

Embora avance no entendimento da complexidade do produção cultural da arquitetura, Tafuri acaba por estabelecer um espelhamento direto da "base" (econômica) sobre a "superestrutura" (a cultura). Além disso, apesar de criticar o fetiche das narrativas operativas dos arquitetos, Tafuri (2000 [1969]) continua colocando estas narrativas no centro de sua história, apenas usando-as como objeto a ser destruído. Assim, para Tafuri, o jogo é a condição ([1969], p. 30), o arquiteto se auto-mistifica ([1969], p. 16) a cidade se torna uma máquina que controla o público desatento ([1969], p. 16) e portanto é inútil se angustiar e lutar quando se está preso em uma capsula sem saídas ([1969], p. 32).

Porém, Pierre Bourdieu (1996a) faz avanços importantes para compreender como as "regras do jogo" são criadas em diferentes campos de produção cultural. Bourdieu (1996a, p. 179-180) desenvolve a ideia de *habitus* para compreender esse processo a partir da prática concreta, no lugar de investiga-lo a partir de interpretações abstratas. Ele desenvolve este conceito a partir da maneira que Panofsky entendeu a escolástica como um modo de pensar presente na arquitetura medieval. Ou seja, ele entende o *habitus* como os instrumentos conscientes e inconscientes que um sujeito utiliza para produzir um determinado bem cultural. Por isso, apesar de Bourdieu (1996a, p. 198) louvar como método de Foucault possibilita conectar estratégias sociais, sistemas de regras e referências culturais, ele afirma que Foucault fica preso no campo do discurso. Para Bourdieu, a noção de *habitus* investiga o campo das ideias (interesses, polêmicas, valores) a partir de sua prática concreta (relações entre agentes, instituições, lógicas sociais, hierarquias e assim por diante).

UMA DESCRIÇÃO DAS ILUSÕES DO CAMPO ARQUITETÔNICO

Bourdieu (1996a, 1996b) iniciou uma série de estudos de diferentes campos sociais, como educação, literatura, moda e gastronomia. Seu objetivo era desenvolver uma leitura sistemática de como relações sociais moldam e são moldados por campos profissionais retoricamente autônomos. Por exemplo, para ele o campo da literatura é uma estrutura complexa formada por instâncias de celebração, formas de narrativas, espaços de encontro, agentes sociais, instituições de diferenciação, meios de comunicação, aparatos burocráticos, corpos profissionais e assim por diante. Estes elementos se organizam e interagem em uma constante luta, estabelecendo as posições de domínio e subordinação dos diferentes atores. Esta perspectiva tem influenciado muitas leituras do campo da arquitetura (cf. Stevens, 1998, Wood, 1999).

Nestes termos, pode-se argumentar que o campo da arquitetura é resultado das diversas regras reproduzidas pelo disciplinamento de seus agentes, treinando sujeitos a obedecer certas leis, formando modos de ver o objeto arquitetônico, estabelecendo códigos de comportamento, e aceitando padrões e tendências de transformação. Além disso, a disciplina estabelece um campo de conhecimento que possui um discurso de verdade correlato. Ou seja, é esta disciplina que estabelece uma verdade sobre a arquitetura, e não o contrário. Além disso, esta disciplina não é simplesmente imposta, mas cria práticas preestabelecidas e coletivamente partilhadas. Para se tomar parte no jogo, estas práticas e métodos devem ser aceitos.

A seguir esboçar-se-á cinco elementos básicos do campo da arquitetura. Isto permitirá compreender o desenvolvimento da arquitetura a partir de uma perspectiva totalmente alheia à historiografia operativa. Este elementos são: centralidades; eixos de hábitos; dimensões sociais; processos de distinção; e ilusões.

Centralidades

Na física, desde Einstein (1920), a ideia de campo é usada para superar a ideia de um espaço uniforme. No campo, cada centralidade estabelece seu próprio campo de forma, e transformando-o em uma geometria curva e dinâmica. Bourdieu (1996a, pp. 205-207) usa esta ideia para explicar as múltiplas polaridades e evitar as interpretações duais nos campos da produção cultural (que distinguem o que é interno e externo). Para ele as forças contextuais (social, histórica, econômica, etc) e as forças internas (biografias, escolas, narrativas, etc) são inseparáveis e interagem mutuamente na formação do campo. Na sociedade contemporânea, estas centralidades são cada vez mais dinâmicas e múltiplas (ver diagrama abaixo).

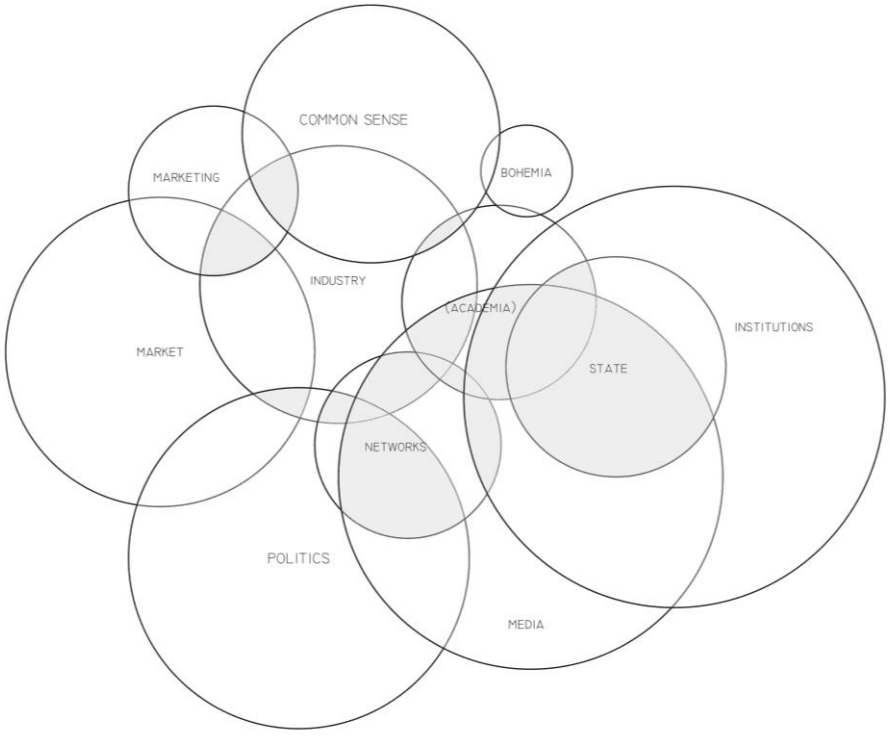


Diagrama 1: Os múltiplos centros do campo arquitetônico.

Source: do autor

Cada uma destas centralidades enquadra uma forma de poder e espalha sua influência sobre a vida social, as regras, gostos e discursos. Desta forma, pode-se entender como campos complexos como a arquitetura se mostram ao mesmo tempo dinâmicos e estruturados. O sistema produzido por este campo é o resultado de lutas entre os programas destas diferentes centralidades. Assim, dependendo do resultado das lutas, e da posição que se ocupa neste campo, diferentes guias são produzidos para a percepção e as escolhas disponíveis, que podem ser contraditórias e incoerentes.

Assim, instituições e senso comum produzem conceitos inerentes, estado e mercado produzem demandas sociais diferentes, a mídia e a academia estabelecem hierarquias divergentes, as redes de trabalho e os laços de amizade diferenciam as predisposições, e assim por diante. Neste sentido, ao se abordar o que é arquitetura, é preciso ter em mente que seu campo não possui uma unidade, mas é formado por uma série de instituições lutando por hegemonia. E cada uma destas instâncias lutam com suas próprias armas. Por exemplo, a mídia usa exposição, as corporações controlam a prática, o estado estabelece limites e posições e a academia cria valor, diferenciação e destaque através da produção de narrativas e histórias.

Eixos de hábitos

O que estabelece a intensidade de poder destas centralidades depende da sua capacidade de estabelecer normas e hierarquias para os valores culturalmente aceitos. Bourdieu (1996) criou um diagrama famoso para explicar o *habitus* no campo da gastronomia estabelecendo uma relação entre dois eixos: capital cultural e capital econômico. No diagrama abaixo, estes dois eixos estabelecem formas de valorizar e estilos de vida diferentes.

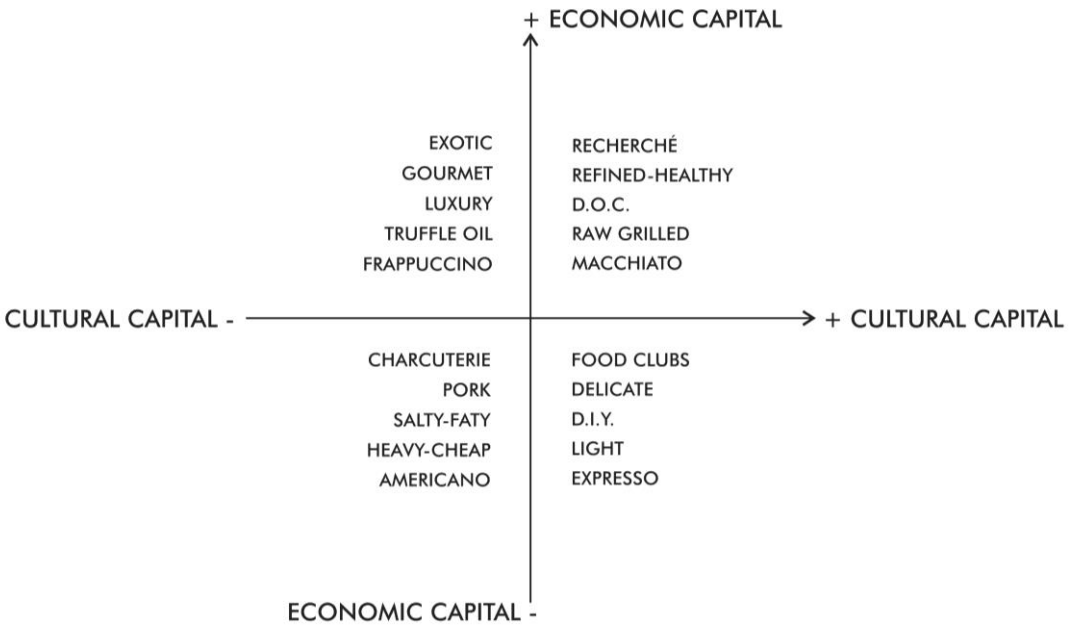


Diagrama 2: Variações no gosto culinário.
Fonte: do autor.

Estes eixos de valores estabelecem normas socialmente aceitas de hierarquia social. Para Bourdieu, eles são a raiz do *habitus*: um sistema geral de disposições e esquemas perceptivos. Estes eixos também estabelecem os conflitos entre os diferentes atores para ocupar posições dominantes no campo. Como exemplo, Bourdieu (1996ª, p. 49) menciona como Napoleão III superou sua condição de farsa política através de eventos culturais, celebrações, distribuição de privilégios e presentes.

Similarmente, no campo da arquitetura, diferentes instituições irão promover eventos, celebrações e prêmios para impor seus próprios conceitos de arquitetura. Além disso, uma série de combinações de outros eixos impõem diferentes hábitos sociais, tais como: a tradição, ideologias, exposição midiática, poder político, networking, e centros de tecnologia.

Dimensões sociais

As dimensões sociais são formadas pelas delimitações dos espaços de ação dos diferentes agentes. Eles estabelecem também lugares de onde estes agentes operam e o caráter que sua produção assume. Por exemplo, Bourdieu (1996c, pp. 65-66, 163) afirma que o campo literário tem duas dimensões principais: a indústria literária e a academia de letras.

De um lado, a indústria literária é centrada nos grupos editoriais, os jornais e o mercado popular. Nesta dimensão, a produção artística é um produto como outro qualquer, guiado pela difusão, sucesso imediato, tiragem, expectativa dos clientes, demanda popular, formatos comerciais, e assim por diante. Esta dimensão está diretamente vinculada às tendências de consumo, a investimentos de curto prazo e ao capital em geral. Por outro lado, a academia de letras se baseava nos salões, na alta sociedade, nos patronos da arte, nos grupos e nos mercados de luxo. Nesta dimensão, os produtos são vistos como únicos, guiados por instâncias específicas de aclamação, com uma política interna guiada pela lógica da "corte", as relações acadêmicas, a camaradagem, as relações de mestres e discípulos, os vínculos, as premiações e assim por diante. Para Bourdieu, esta dimensão é dominada pelo capital simbólico, investimentos a longo prazo e valores produzidos por discursos históricos.

O campo da arquitetura poderia ser dividido em muitas dimensões. Alguns vêm o campo de interesse da arquitetura como a totalidade do espaço habitado, incluindo favelas e natureza selvagem. Outros, vêm arquitetura como o lugar onde beleza, função e técnica se juntam pela mão de um arquiteto. Porém, cada centralidade vai definir diferentes critérios para formar uma dimensão aceita no campo da arquitetura. Assim, o que importa não são as verdades que estas dimensões retoricamente definem, mas, os conflitos que elas revelam. Cada uma vai criar intercessões e produzir diferenciações, estabelecendo princípios diferentes e instrumentos de imposição de valores.

Para Bourdieu, estas dimensões também se manifestam como lugares concretos. Como nós de estruturação, estes lugares articulam diferentes dimensões. Por exemplo, no caso da arte, estes lugares incluem o café, o museu, as escolas, as fundações, as secretarias de cultura, os ateliers, os clubes aristocráticos, as sociedades de especialistas, e até mesmo lugares virtuais como os jornais e as revistas. Estes lugares são importantes porque articulam as circunstâncias que permitem se produzir objetos de arte, e articulam o contexto em que estes objetos são avaliados e difundidos.

Distinções

Para Bourdeiu, as pressões que mediam a produção num campo cultural são tanto internas quanto externas. As distinções estabelecidas são sempre simbólicas como refletem as posições na hierarquia social. As instituições atuando no campo impõem uma ordem simbólica, um círculo de valorização, um nível de publicidade e uma definição do que é "legítimo". Este processo é resultado das lutas por posições de domínio, e o resultado é a criação de "distinções" (hierarquias e diferenciações no campo).

Para Bourdieu (1996c, p. 193), o modo contemporâneo de se estabelecer estas distinções é principalmente construído através de "biografias", que são narrativa baseadas no mito da "criação", onde os produtos são vistos como misteriosamente produzidos por gênios (Bourdieu, 1996c, p212). Assim, Bourdieu argumenta que o próprio "artista" é assim "criado" pelo trabalho do crítico, que se posiciona como isolado do artista, mas, reconta poeticamente uma história da "formação" do artista. Estas narrativas normalmente focam nas afiliações (promovendo os agentes pela nobreza de seus mestres), construindo histórias de "grandes homens", onde os trabalhos poderiam ser avaliados através de uma abordagem mitológica da formação destes sujeitos (Bourdieu, 1996c, p.213).

Porém, para Bourdieu (1996c, p.131), estes "grandes homens" só existem imersos na ortodoxia e nos dogmas das culturas que sustentam sua fama. Este culto da personalidade e da biografia cria a ilusão de uma coerência retrospectiva na vida destes grandes personagens [evidentes em frases do tipo "desde uma tenra idade ele mostrava sinais de..."]. Estes rituais de culto levam à produção de narrativas de ruptura, onde atores atuais supostamente rompem com toda a história pregressa, supostamente revolucionando toda a estrutura do campo (Bourdieu, 1996c, p. 213, 218-219).

Ilusões

Bourdieu chamou de *illusio* o efeito geral, a mágica que faz o campo funcionar, as fantasias que devemos aceitar para acreditar nas verdades que o sistema proclama possuir. Estas fantasias incluem rituais, dogmas, regras do jogo, obsolescências programadas, as formas sistêmicas de renovação, simulacros e novidades. Para Bourdieu (1996c, p. 131), as revoluções artísticas nunca vêm dos agentes em posição de domínio no campo, porque eles não têm interesse em mudanças radicais na ordem que os consagra. Por isso, estas ilusões operam por meio de dilemas falsos.

Estes falsos dilemas são uma forma de evitar os paradoxos radicais e manter a estrutura do campo. Um de seus modos é criar supostos "erros técnicos" que se ignorados produzem todas as catástrofes humanas e se evitados mudariam toda realidade. Operacionalmente o procedimento é simples: primeiro uma "visão errada" é identificada como sendo usada por todos arquitetos, depois, uma "visão correta" resolveria o problema (o método proposto).

Metodologicamente trata-se de criar um "espantalho" que representa uma modo de pensar reduzindo sua lógica ao absurdo. Através de uma descontextualização ou de uma distorção, este espantalho pode representar todos os erros sociais.

Por exemplo, Sharon Zukin (2010, p. 219-227) demonstra como Jane Jacobs representa uma complexa mudança entre um "estado centralizado" para uma "ideologia neoliberal" como se fosse um erro técnico da vanguarda arquitetônica. O fato das cidades modernas estarem morrendo é representado como uma incapacidade de desenhar a vida humana. Para Zukin (2010, p. 227), Jacobs era uma ativista comunitária experiente demais para ignorar as forças que estruturam as disputas urbanas (nominalmente a força do dinheiro e o poder do estado). Assim, Zukin (2010, p.25) sugere que a camuflagem dos conflitos sociais envolvidos pode ser explicado pela origem do financiamento das pesquisas de Jacobs (a Rockefeller Foundation) e os seus links com poderosas instituições midiátias (comom a Time Life). Por estes motivos, a crítica de Jacobs toma parte na ilusão geral do campo, inserindo-se nas regras aceitas do "jogo" e propondo como solução uma mudança de "estilo". Isto camufla as mudanças radicais em curso na política de produção espacial, e impede que as forças em jogo sejam identificadas.

Para Bourdeiu estes conflitos internos são meras ilusões do Jogo. Robert Venturi defendendo uma linguagem popular, Frank Lloyd Wright defendendo o organicismo, Le Corbusier o formalismo, Walter Gropius o funcionalismo, Mondrian o neoplatonismo e assim por diante, são apenas formas de reduzir os adversários a espantalhos e proclamar uma solução estilística desenvolvida por um suposto gênio.

Sujeito a mudanças: o sujeito da arquitetura

A relação entre sujeito e sociedade é um problema teórico de grandes proporções e muita controvérsia. Para lidar com este tema vamos introduzir quatro metáforas que concebem esta relação de forma diferente: o indivíduo ideológico, o interindividual, o príncipe, e o transindividual.

A visão ideológica do indivíduo é a mais simples e a mais difundida. Nela o campo é entendido como um palco neutro onde suas dimensões sociais e culturais não interferem na performance dos jogadores. Estes são considerados indivíduos iguais competindo em um jogo justo e sob as mesmas regras. Desta forma, a estrutura atual do campo e sua lógica (lógica de ideias, ideo-logia) pode justificar as hierarquias estabelecidas a partir das habilidades pessoais dos jogadores. Assim, um arquiteto que ocupa uma posição de destaque supostamente chegou lá em função de seu talento, que o permitiu escalar degrau por degrau a pirâmide do campo. A narrativa do campo se torna uma da "escada" e do "líder". De acordo com essa linha de raciocínio, uma vez que um indivíduo consegue passar por todas as fases de desenvolvimento, ele se encontrará em uma posição de liderança e poder. Da mesma forma, todos os arquitetos que se encontram abaixo dele estão alí em função de suas próprias falhas (ver diagrama abaixo).



Diagrama 3: a lógica ideal do indivíduo
Fonte: o autor.

Esta metáfora ignora todas as dinâmicas sociais internas e externas ao campo. Como observamos, o espaço em que a arquitetura é produzida e valorizada não é um espaço neutro. As diferentes centralidades resultam em um campo de poder onde as lutas por hegemonia são contínuas. Os hábitos sociais enquadram diferentes valores e estilos de vida. Também, o campo da arquitetura é dividido em diferentes dimensões sociais, fundando campos de atuação diferenciados e com formas de pertinência próprias. Assim, diferenciações sociais são estabelecidas e hierarquias são construídas. Além disso, diferentes instituições competem pela produção das ilusões dominantes no campo. Elas não só atuam a favor de seus discípulos, como também buscam difundir suas próprias regras como regras hegemônicas do jogo. Assim, procuram ativamente disciplinar os diferentes agentes dentro de seus próprios valores. Neste sentido, esta metáfora é incapaz de visualizar como a arquitetura reproduz sua lógica interna, eliminando toda reflexão dialética e desconhecendo o processo de produção de subjetividades.

A segunda metáfora é dos indivíduos interseccionados desenvolvida por Georg Simmel (Stoetzler, 2016). Para Simmel, as individualidades crescentemente complexas foram formadas através do desenvolvimento de diferentes "círculos sociais". De acordo com esta ideia, individualidade modernas são o resultado da articulação de diferentes círculos de indentidade, tais como gênero, família, classe, religião, entre outros (ver diagrama abaixo).

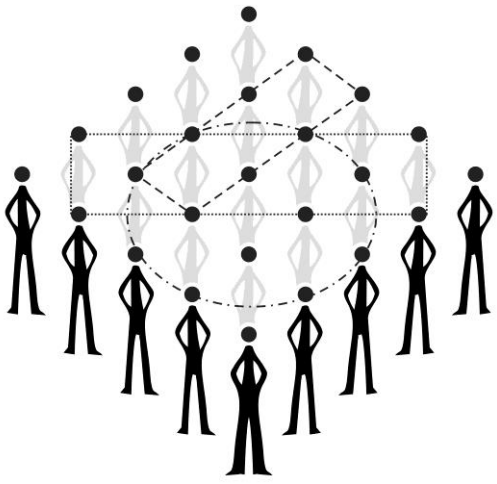


Diagrama 4: Intersubjetividade.
Fonte: do autor.

Nesta concepção, um grupo de pessoas pode herdar uma cultura comum "A", enquanto um grupo de profissionais pode desenvolver um conhecimento compartilhado "B". A associação destes dois círculos sociais com outras identidades (tais como classe ou gênero) explicariam a crescente complexidade dos indivíduos. Neste sentido, o sujeito da ação não é um indivíduo isolado, mas uma interseção de círculos sociais que articulam diferentes grupos de pessoas. Esta concepção reconhece como ideias, concepções e valores são produzidos e compartilhados coletivamente. Assim, ao contrário do que histórias tradicionais da arquitetura afirmariam, nenhum arquiteto poderia ser creditado pela invenção de uma única ideia, já que

estas ideias são resultado de conhecimentos compartilhados coletivamente. Neste sentido, sujeitos seriam formados por múltiplos círculos sociais.

Entretanto, esta concepção ainda vê o indivíduo como uma espécie de nó auto-centrado. Além disso, esta metáfora é incapaz de explicar como indivíduos podem atualizar diferentes traços de personalidade em diferentes momentos, e tampouco explicar o surgimento de sujeitos coletivos.

A terceira metáfora é a do príncipe. Esta concepção proto-crítica tem a capacidade de incluir mecanismos de poder e de representação. Ela foi primeiramente sistematizada por Machiavel (2008, para uma análise crítica ver Althusser, 2000). Nela, o líder não está em uma posição natural, tampouco em uma posição neutra no campo. Sua posição é produzida através de uma série de articulações e manobras sociais. O príncipe conquista sua posição de poder através de um controle exercido sobre outros sujeitos. Nesta metáfora, o príncipe é uma "imagem pública" que representa relações políticas e desejos coletivos. Portanto, o príncipe seria: uma imagem (re-apresentação) de um corpo social; uma instituição social; um mecanismo social de produção, uma vontade coletiva; e assim por diante. Desta forma, esta representação social (o príncipe) é um instrumento abstrato que incorpora (e extraí) poder social de uma coletividade (ver diagrama abaixo).

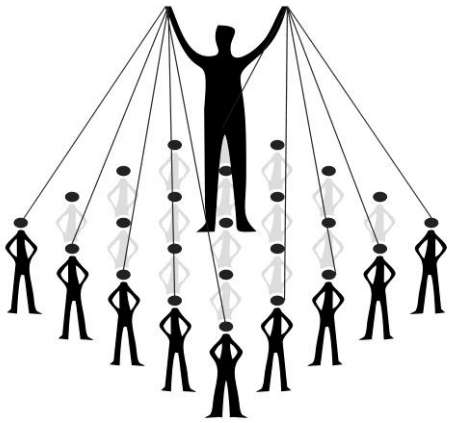


Diagrama 5: O sujeito histórico de Machiavel: o príncipe.
Fonte: do autor.

Nesta metáfora, um processo de subjetificação entra em ação, enquadrando a subjetividade de outros indivíduos de tal forma que elas podem ser expropriadas. Este processo é também uma forma de controle social. Muitas variações desta metáfora têm sido desenvolvidas ao longo dos tempos, por exemplo: o conceito de classes (uma representação de um príncipe coletivo) ou mesmo partidos políticos. Desta forma, estas representações em príncipe colonizam o que é coletivo por meio de uma entidade singular.

Além disso, não é apenas a subjetividade do príncipe que é forjada. Todos os demais sujeitos são transformados em potenciais príncipes impotentes. Toscano e Kinkle (2015) observam como a série televisiva The Wire representam os personagens em relação à cidade de Baltimore: “Enquanto narrativas tradicionais localizam o agenciamento causal no nível dos personagens individuais, em The Wire o sistema socioeconômico (..) é o sujeito opaco”, assim indivíduos se sentem impotentes (Toscano e Kinkle, 2015, p. 139). Para eles, o trabalho da crítica deveria ser o de revelar a dominação e exploração que permanece obscura, o que causa as pessoas se sentirem sempre cooptadas pelo sistema contra sua própria vontade.

Por exemplo, para conquistar espaço e viabilizar seus escritórios, arquitetos que são críticos às condições atuais do campo, cedo ou tarde, terão que desistir de atuar ou repetidamente aderir a ações que eles desprezam, assim como os personagens em The Wire sentem “a inevitável frustração que vem ao tentar ‘desvirtuar o sistema’” ou “o fatalismo de se jogar ‘o jogo’”.

Esta metáfora é importante para entender como a representação de arquitetos individuais funciona atualmente no campo da arquitetura, assim revelando suas ilusões. Porém ela não ajuda a compreender como seria uma aproximação alternativa para posicionar um modo de subjetividade crítica. Em outras palavras, esta metáfora explica como a representações de arquitetos em forma de príncipes (gênios), é uma forma de capturar desejos e trabalho coletivo e, portanto, tem uma existência concreta no campo atual. Porém, ela não permite visualizar uma nova imagem operativa para o trabalho coletivo por trás das máscaras dos príncipes.

Para Toscano e Kinkle (2015, p. 147) é preciso criar um mapa cognitivo capaz de representar esta condição, de forma a torná-la disponível para ser criticada. Se por um lado esse mapa cognitivo deveria ser capaz de capturar como estamos tragicamente submersos em um sistema urbano de acumulação e reprodução de capital, este mapa deveria ser um mecanismo de questionamento estético das abstrações sociais tomadas como realidade (Toscano e Kinkle, 2015, p. 151). Isto permitiria uma experiência reflexiva onde ambos sujeito e mundo podem ser entendidos como produzindo e reproduzindo eles mesmos. Por este motivo, é preciso desconstruir a ideia de um indivíduo centrado em si mesmo e entender o processo de produção da subjetividade.

Guattari (1995, p. 22) propôs descentralizar a questão do sujeito pela questão da subjetividade, partindo da análise de seus múltiplos layers. Para ele, a subjetividade é um conjunto de delimitações e condições de auto-referenciamento que são formadas por uma ecologia de aparatos e universos incorporais de referências, instituições, espacialidade e paradigmas ético-estéticos (Guattari, 1995, p.9) Assim, Guattari argumenta que uma aproximação da subjetividade não é menos uma pesquisa científica do que uma cartografia multifacetada de referências cognitivas, mitos, rituais, sintomas, angustias, afetos, inibições, pulsões e identidades (Guattari, 1995, p. 11-12). Para Guattari (1995, p. 21), a subjetividade é pré-pessoal, polifônica, coletiva e maquínica. Portanto ela não é centrada no indivíduo.

Assim, nos aproximamos de nossa última metáfora: a transindividualidade. Simondon (2013) realiza uma longa história do conceito de individuo, e conclui que esta ideia é baseada no hileformismo que pressupõe uma convergência entre uma matéria (substância) e uma forma (particular). Seu argumento é que, no lugar de investigar o indivíduo já individuado, deveríamos focar no processo de seu devir: a individuação. Caso contrário, o estudo partirá do efeito em vez de partir do processo que gera os indivíduos.

Desta forma, Simondon muda a pesquisa de uma ontologia universal dos indivíduos enquanto seres eternos para uma pesquisa que ele chama de ontogenesis. Esta metáfora explica como, para que o indivíduo seja possível, é preciso existir um campo de possibilidade anterior, que ele chama de pré-individual. Assim, para ele o indivíduo é apenas uma fase (uma atualização) em uma série de individuações potenciais. Neste sentido, o sujeito pode ser entendido como um campo de energias internas contraditórias. Por isso o indivíduo não tem um centro em estabilidade clássica, pois, esta concepção inviabilizaria a possibilidade de transformação do ser.

Para Simondon (2013) o ser é um processo de informação (*mise em forme* – por em forma). Esta informação é uma estruturação provisória de forças dinâmicas em uma resolução metaestável. Para além de uma simples atualização de virtualidades internas (como no caso de uma semente que se torna árvore), esta individualização é um processo criativo que estrutura forças divergentes em uma nova estrutura. Assim, ele propõe incluir energia à antiga dualidade de forma e matéria, pois uma ação de mediação deve ser realizada. Assim, a questão não é apenas de um indivíduo (interno) em conflito com uma sociedade (externa) mas justamente trata de um processo ativo de constante inter-relação e atualização.

Para Simondon (2013) esse processo de individualização tem 3 fases. A primeira é apenas física, onde um limite é estabelecido entre um interior e um exterior. Esta primeira individuação pode apenas decair, como ocorre em cristais e elementos não vivos. A segunda fase é a individuação de seres vivos, onde a formação de um limite é a produção de um campo interno em continua relação com o exterior. Nesta fase, uma dinâmica interna se relaciona com uma dinâmica externa, formando um contínuo teatro de individuações. A terceira fase é uma individuação dupla, tanto psíquica como coletiva, onde elementos reminiscentes de preindividualização (permanecendo não-atualizados em diferentes indivíduos) se conectam e se atualizam em uma transindividualidade (um sujeito coletivo).

Com esta metáfora, é possível compreender como o campo da arquitetura produz uma série de preindividualidades potenciais e reproduz mediações para a formação de transindividualidades. Este processo reproduz um inconsciente arquitetônico coletivo.

Em sua análise do narcisismo fundamental do inconsciente, Freud (1957, p. 101) chega a uma conclusão inusitada: a psicologia de grupo poderia ser entendida enquanto narcisismo individual apenas se a pulsão de coletividade for entendida como uma manifestação da libido homossexual. Indiscutivelmente, a abordagem de Simondon fornece um esquema teórico que permite superar tanto a submissão do coletivo a uma soma de indivíduos como a dualidade entre indivíduo e coletivo. Isto implicaria uma verdadeira revolução copernicana do conceito de indivíduo.

Assim, a posição de Freud é apenas uma manifestação da ideologia de seu tempo, que centra a subjetividade na entidade mitológica do indivíduo isolado. Para Jodi Dean (2014), é o próprio capitalismo que encerra o sujeito na figura de um indivíduo.

CONCLUSÃO: UM TIJOLO COMO METÁFORA DA ARQUITETURA

Simondon ilustra elegantemente sua ontogenesis com uma longa consideração sobre o processo de individuação de um tijolo (Simondon, 2013, p. 39-58). A argila não é simplesmente uma matéria prima passiva. Ela possui múltiplas possibilidades de transformação, aptidões e tendências. Além disso, a argila é

desde já um material processado, para a qual a areia deve ser cuidadosamente selecionada, e à qual a quantidade certa de humidade deve ser acrescentada. Também, a argila teve que ser coletada e transportada. E suas propriedades e identificação foram possíveis através de um longo processo de produção social de conhecimento. Quanto ao molde, ele não é simplesmente uma forma abstrata. Ele tem um papel de procedimento, impondo limite à transformação da argila. Este papel é uma ação ativa, mais precisamente, uma ação reativa de força igual e inversa à exercida pela argila sobre ele.

Este processo de individuação do tijolo já é, desde já, composto de um sistema dinâmico de interações, com potencialidades e forças interagindo dinamicamente para formar um produto final estável. Entretanto, devemos ainda adicionar a este cenário o papel do artesão, que separa, descarrega e pressiona a argila no molde, enquanto usa um complexo e sutil artificio para abrir e fechar o molde sem desfigurar o perfeito limite geométrico do tijolo.

Enquanto a individuação do tijolo ocorre somente uma vez e produz algo estável, outras individuações que passam pela fase dos seres vivos e coletivos tem a capacidade de incorporar, reordenar-se e transformar-se. Da mesma forma, a arquitetura não possui um ser, mas é um ser em constante devir. A presente discussão visou investigar como diferentes narrativas sobre a arquitetura e o modo como ela é produzida implicam em uma determinada concepção dos indivíduos que a produz. Estas concepções fundam narrativas. Estas narrativas fundam modos de valorizar socialmente a arquitetura. E este campo de valores formam um campo social em constante transformação. Compreender os aspectos em jogo na formação deste campo não é suficiente para que ele se transforme. Mas é a condição indispensável para que os arquitetos se tornem conscientes dos processos de subjetificação em operação no momento em que eles se posicionam neste campo de atuação social. Portanto, este deveria ser o primeiro passo para que arquitetos se tornem mais consciente das forças em jogo dentro de sua própria subjetividade.

REFERÊNCIAS:

Althusser, L. **Machiavelli and Us**. London: Verso, 2000.

Bourdieu, P. **The Rules of Art: Genesis and Structure of the Literary Field**. Cambridge: Polity Press, 1996a.

Bourdieu, P. **Distinction: a social critique of the judgement of taste**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996b.

Bourdieu, P. **As Regras da Arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996c.

Dean, J. 'Enclosing the Subject', **Political Theory** - SAGE Publications, Vol. 44(3), 2014. pp. 363–393.

Deleuze, Gilles. "Postscript on Control Societies," in **Negotiations**, trans. Martin Joughin. New York: Columbia University Press, 1990.

EINSTEIN, A. **Relativity - The Special and General Theory**. (1920) disponível em: http://www.bartleby.com/173/ acessado: 22 de agosto de 2007.

Foucault, Michel. in GORDON, C. (ed.) **Power/knowledge: selected interviews and Other Writings 1972-1977**. New York: Pantheon Books, 1980.

Foucault, Michel. “Truth, Power, Self.” In **Technologies of the Self: A Seminar with Michel Foucault**, edited by Luther H. Martin et al. London: Tavistock, 1988.

Freud, S. ‘On Narcissism: An Introduction’ in Freud, S. **The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud - Volume XIV (1914-1916).** London: The Hogarth Press, 1957. pp. 67-102.

Guattari, F. **Chaosmosis - an ethico-aesthetic paradigm**. Indianapolis: Indiana University Press, 1995.

Machiavelli, N. **The Prince**. Oxford: Oxford Press, 2008.

Simondon, G. **L’individuation à la lumière des notions de forme et d’information**. Grenoble: Millon, 2013.

Stevens, G. **The Favoured Circle**, Cambridge, MA: MIT Press, 1998.

Stoetzler, M. ‘Intersectional Individuality: Georg Simmel's Concept of “The Intersection of Social Circles” and the Emancipation of Women’, **Sociological Inquiry**. 86(2), 2016. pp. 216–240.

Tafuri, M. ‘Toward a Critique of Architectural Ideology’, in Hays, K. M. (ed.) **Architecture Theory since 1968**. Cambridge, MA and London: MIT Press, 2000. pp. 16-33.

Tafuri, M. ‘Introduction: The Historical "Project"’; ‘L’Architecture dans le Boudoir’, in Tafuri, M. **The Sphere and the Labyrinth.** London: MIT Press, 1987. pp. 1-24, 267-290.

Toscano, A., and Kinkle, J. **Cartographies of the Absolute**, Winchester and Washington: Zero Books, 2015.

Woods, M. **From Craft to Profession: the Practice of Architecture in Nineteenth- Century America**. Los Angeles: University of California Press, 1999.

Zukin, S. **Naked City: Death and Life of Authentic Urban Places.** Oxford: Oxford University Press, 2010.